



# A Santa Sé

---

**JOÃO PAULO II**

**ENCONTRO DO SANTO PADRE  
COM A CONFERÊNCIA EPISCOPAL ROMENA**

*Sexta-feira, 7 de Maio de 1999*

Caríssimos Irmãos no Episcopado da Roménia!

*Te Deum laudamus, Te dominum confitemur,*

*Te aeternum Patrem omnis terra veneratur!*

1. Com as palavras deste antigo hino, talvez de Santo Ambrósio, mas atribuído também a São Niceta, apóstolo desta terra quando ainda era a Dácia romana, é-me grato dar início ao encontro convosco, no começo da minha visita pastoral na Roménia. Venho aqui para agradecer convosco ao Pai da misericórdia e ao Deus de toda a consolação (cf. *2 Cor 1, 3*) que, após anos de sofrimento, permitiu a esta nobre nação cantar em liberdade os louvores de Deus. A Ele peço que torne esta visita rica de frutos para a Igreja católica no vosso País, para o conjunto das Igrejas e comunidades cristãs e para o inteiro povo romeno.

Estou-vos grato pelo caloroso acolhimento. Obrigado também a D. Lucian Muresan, Presidente da vossa Conferência, pelas palavras que acabou de me dirigir, sublinhando a vossa profunda comunhão com o Sucessor de Pedro. Dirijo uma especial saudação ao Em.mo Card. Alexandru Todea, Arcebispo Emérito de Fagaras e Alba Julia, que espero poder encontrar. Desejo exprimir-lhe o meu apreço pelo seu grande testemunho de fidelidade cristã e de indefectível união com a Sé de Pedro nos tempos da perseguição.

Mediante vós, desejo saudar os presbíteros, assim como todos os religiosos, as religiosas e os diáconos, cujo entusiasmo e dedicação à causa do Reino de Deus bem conheço.

2. Neste último ano de preparação para o grande Jubileu, a Igreja inteira contempla a figura de *Deus Pai*. É uma ocasião preciosa para fazer com que todos redescubram o rosto paterno de Deus, como Jesus nos revelou. Ao chamar a Deus com o nome de «Abba» (cf. *Mc 14, 36*), Ele

revelou a íntima e consubstancial relação que O une ao Pai celeste, na insondável profundidade do mistério trinitário. Ao mesmo tempo, ao sacrificar-Se por nós e ao conceder-nos o seu Espírito, deu-nos a graça de participar na sua experiência filial, permitindo-nos invocar, também nós, a Deus com o doce nome de Pai (cf. *Rm* 8, 15; *Gl* 4, 6). É este o anúncio de graça que sois chamados a levar como apóstolos de Cristo. «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único» (*Jo* 3, 16): esta alegre boa nova vibre nas vossas palavras, brilhe no vosso rosto, seja testemunhada pelas vossas obras. Para cada um de vós, possa dizer-se aquilo que foi dito a respeito de São Niceta, prestes a retornar à Dácia como arauto do evangelho: «O nimis terra et populi beati, / quos modo a nobis remeans adibis, / quos tuo accedens pede visitabit / Christus et ore» (São Paulino de Nola, *Cântico XVII*, 13-16).

3. Sim, sede a imagem de Cristo para os vossos fiéis. Sede-o sobretudo como *artífices de comunhão*. Neste ano do Pai devemos sentir mais forte o ardente desejo de Cristo pela unidade: «Pai... que todos sejam um como Nós somos» (*Jo* 17, 22). O Bispo é o garante da comunhão e o seu papel paterno deve ajudar a comunidade a crescer como família, reflectindo de algum modo a paternidade mesma de Deus (cf. Santo Inácio de Antioquia, *Aos Tralianos*, III, 1).

Múltiplas são as formas e as exigências da comunhão que os Bispos são chamados a cultivar. É fundamental a comunhão que os une aos outros Bispos e, em particular, ao Bispo de Roma, Sucessor de Pedro. Esta comunhão deve ser vivida de modo mais concreto com os irmãos Bispos do próprio País, de maneira que ela se torne fonte de enriquecimento recíproco. Isto vale de modo particular quando, como no caso da Roménia, a tradição da Igreja se exprime em ritos diferentes, cada um dos quais oferecendo o próprio contributo de história, de cultura e de santidade.

A vossa Conferência reúne de facto os Bispos das Igrejas latina e greco-católica, enquanto um de vós é também Ordinário para a Igreja arménia. Ela oferece-vos um lugar de encontro fraterno e de apoio mútuo, assim como a oportunidade de coordenar as actividades que se referem às questões que vos são comuns, acerca da evangelização e da promoção humana. À luz da experiência destes anos, deve-se reconhecer que esta instituição demonstrou a sua utilidade. Ela está destinada a ser um sinal de unidade para a vossa inteira sociedade, mostrando como a legítima diversidade, longe de ser factor de divisão, pode contribuir para uma união mais profunda, porque é enriquecida pelos dons de cada um.

4. É preciso conhecer-se e apreciar-se mutuamente, levando os fardos uns dos outros (cf. *Gl* 6, 2). Para estes sentimentos de partilha é preciso educar o povo de Deus e, em particular, os futuros presbíteros. Para essa finalidade, a formação comum dos seminaristas é um instrumento significativo, para que aprendam de maneira concreta o sentido do respeito e do acolhimento do próximo, na estima quotidianamente renovada do precioso depósito da mesma fé que lhes foi confiada. Sejam eles deveras a menina dos vossos olhos.

A comunhão deve caracterizar as relações dos fiéis entre si, com os presbíteros e o Bispo. Deve-se promovê-la de todos os modos, através da prática da escuta recíproca e da valorização dos organismos de participação. Para este testemunho de unidade e para a própria vitalidade da missão da Igreja é decisivo o empenho dos *presbíteros*, indispensáveis colaboradores da ordem episcopal. Se por um lado é dever dos sacerdotes reconhecer no Bispo o seu Pai e obedecer-lhe com profundo respeito, por seu lado, como recorda o Concílio, «o Bispo considere os sacerdotes, seus colaboradores, como filhos e amigos» (*Lumen gentium*, 28).

Caríssimos, estai próximos dos vossos sacerdotes. Sustentai-os nos momentos de provação. Preocupai-vos da sua formação permanente, desenvolvendo, juntamente com eles, os espaços da oração, da reflexão e da actualização pastoral.

5. De semelhantes solitudes devem obviamente beneficiar também os *religiosos* e as *religiosas*. No respeito pelos seus carismas e pelas peculiaridades de cada Instituto, é tarefa dos Bispos harmonizar a sua presença para o bem comum de toda a Igreja.

Depois, deve-se dar graças ao Senhor pelas numerosas *vocações*, masculinas e femininas, que Ele continua a suscitar na Roménia. É preciso, contudo, garantir a quantos são chamados ao sacerdócio e à vida consagrada uma educação sólida e integral, do ponto de vista tanto doutrinal, como pastoral e espiritual. E isto de preferência no vosso próprio Paí, razão por que é necessário formar bem os professores, os educadores e, em particular, os padres espirituais. Sei que muito foi feito, mas é preciso continuar nesta direcção, devido às complexas e crescentes exigências do nosso tempo.

6. Um especial cuidado deve ser dedicado à *promoção dos leigos*, que é uma exigência da Igreja inteira, mas de modo particular dos Países que saíram da experiência do comunismo. Trata-se de os ajudar a tomar consciência da sua vocação específica, que é «procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (*Lumen gentium*, 31).

Obviamente, há amplos espaços de serviço a eles abertos também no interior da comunidade cristã, mas é tarefa insubstituível dos leigos fazer presente o Evangelho naqueles sectores da vida social, económica e política, onde o clero normalmente não actua. Para esta sua importante missão eles têm necessidade do apoio da comunidade inteira, como também são chamadas a desempenhar um papel significativo as associações laicais, aprovadas pelos Bispos e actuates num clima de respeito mútuo e de colaboração com os Pastores.

7. Após os eventos de 1989, também no vosso País foi instaurado o sistema democrático: é uma reconstrução que requer tempo, paciência e constância. A Igreja católica, por sua parte, pôde reorganizar-se e pode exercer livremente a sua actividade pastoral. Embora não falem dificuldades, é preciso olhar com confiança para o futuro e, com a ajuda do Senhor, dedicar-se com entusiasmo à obra da nova evangelização.

Um desafio de primeira ordem é cuidar de propor a fé às *novas gerações*. Do ponto de vista estatístico, a Roménia é um país bastante «jovem». Infelizmente, os jovens enfrentam hoje novas dificuldades que entrelaçam e insidiam o seu processo educativo. É importante que a Igreja sustente a tarefa dos pais, primeiros educadores dos seus filhos, e ofereça depois a sua contribuição específica, sobretudo com a catequese e o ensino da religião.

Antes da segunda guerra mundial, a Igreja católica tinha na Roménia numerosas *escolas*, com um elaborado sistema para a sua sustentação. Com o confisco dos bens, essa importante obra eclesial esmoreceu. Embora se reconheça que seria difícil retornar à situação preexistente, seria um dever de justiça restituir as escolas e os bens confiscados, tornando a Igreja capaz de exercer a sua missão também no campo educativo. Não há dúvida de que a inteira sociedade haveria de haurir disto abundantes vantagens.

8. A *restituição dos bens* é uma questão que muitas vezes reaparece, sobretudo para a Igreja católica de rito bizantino-romeno, ainda hoje privada de numerosos lugares de culto, de que dispunha antes da sua supressão. Obviamente, a justiça exige que aquilo que foi tirado seja, na medida do possível, restituído. Tenho conhecimento de que os Hierarcas não pedem a restituição simultânea de todos os bens confiscados, mas desejariam dispor daqueles que em maior medida servem para as funções litúrgicas: as catedrais, as igrejas decanais, etc.

A esse respeito, acompanhei com grande interesse os trabalhos da Comissão mista entre a Igreja Ortodoxa Romena e a Igreja Greco-Católica acerca das mencionadas questões. Não há dúvida de que, apesar das dificuldades, essa Comissão teve um papel positivo. Formulo os mais ardentes votos por que ambas as partes se empenhem em continuar a tratar da questão, no diálogo sincero e respeitoso, e espero que esta minha visita possa dar uma ulterior contribuição para esse caminho de diálogo fraterno, na verdade e na caridade.

Este diálogo inscreve-se, depois, no mais amplo horizonte do *empenho ecuménico*, ao qual a Igreja inteira é chamada. Todos nós devemos esforçar-nos, com abertura de coração e perseverança, no diálogo tanto teológico como operativo com as outras Igrejas e comunidades cristãs, em vista da meta da unidade de todos os discípulos de Cristo. Quanto a isto, não esqueçamos o ensinamento do Concílio Vaticano II, quando sublinha que a conversão do coração, a santidade e a oração são a alma do movimento ecuménico (cf. *Unitatis redintegratio*, 8). Espero que também na Roménia, com os nossos irmãos ortodoxos e as outras comunidades cristãs, se possam organizar iniciativas ecuménicas por ocasião do Ano jubilar, para juntos implorarem do Senhor que «cresça a unidade entre todos os cristãos das diversas Confissões até à obtenção da plena unidade» (*Tertio millennio adveniente*, 16).

9. Ao lado das perspectivas de carácter intra-eclesial e ecuménico, o empenho da Igreja católica na Roménia deve responder também a precisas expectativas no âmbito social. Muitos são os problemas que chamam em causa o testemunho cristão. Desejo indicar a atenção especial que

merece a *família*, célula básica da sociedade. É preciso oferecer às famílias a orientação e o apoio de que têm necessidade, para basear o seu caminho e o seu papel educativo sobre autênticos valores morais e espirituais. Em particular, deve-se inculcar o *respeito pela vida* de toda a pessoa, desde o momento da concepção até à morte natural.

A Igreja deve cultivar uma concreta e generosa atenção para com os mais *pobres e marginalizados*. Trata-se de uma tarefa enorme, para cuja actuação se exige que o esforço eclesial seja coordenado com o empenho que neste sector devem assegurar as instituições governamentais e n{l-abreve}o governamentais, assim como todos os homens de boa vontade.

10. Caríssimos, a reconstrução da sociedade romena será tanto mais sólida, quanto mais se enriquecer nas vossas melhores tradições. É preciso sobretudo descobrir de novo a força da fé de quantos preferiram antes morrer do que renegar Deus ou a Igreja.

Cada Igreja e comunidade religiosa no vosso País teve os seus mártires, também no século XX. A todos quero hoje prestar homenagem. Da sua parte, a Igreja católica é convidada a recolher a memória dos seus mártires, para seguir o testemunho de fidelidade e dedicação ao Senhor.

Como não recordar, por exemplo, o saudoso Card. Iuliu Hossu (1885-1970), Bispo de Cluj-Gherla? O meu predecessor Paulo VI revelou que um dos Cardeais «in pectore» no Consistório de 20 de Abril de 1969 era precisamente D. Hossu, e definiu-o «insigne servidor da Igreja, muito benemérito pela sua fidelidade e pelos prolongados sofrimentos e privações que ela lhe causaram: símbolo e representante ele mesmo da fidelidade de muitos Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e fiéis da Igreja de rito bizantino» (AAS LXV, 165).

Também a Igreja católica de rito latino foi objecto de perseguição, como o testemunhou a figura do intrépido Servo de Deus D. Aaron Marton (1896-1980), Bispo de Alba Julia, o qual foi primeiro encarcerado e depois constringido a viver no degredo. Com profunda comoção recordo, além disso, D. António Durcovici (1888-1951), heróico Bispo de Iasi, morto no cárcere.

São apenas algumas das numerosas ilustres figuras de discípulos de Cristo, vítimas de um regime que, hostil a Deus pelo seu ateísmo, ofendeu também o homem, criado à imagem de Deus.

11. Agora, caros Irmãos no Episcopado, uma página nova abriu-se na vossa história. É um dom e ao mesmo tempo uma tarefa. Guiai com vigor as comunidades a vós confiadas, para que todo o povo possa caminhar rumo a um futuro sempre mais conforme com o desígnio de Deus. A vossa confiança seja posta n'Aquele que, ao enviar os Seus apóstolos ao mundo, assegurou: «Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (*Mt 28, 20*).

Confio o empenho das vossas Igrejas à protecção materna da Virgem Santa. Ela que foi para vós

a «estrela da manhã», para a qual olhastes na noite da perseguição, seja agora a «estrela da nova evangelização» e indique à inteira sociedade romena o caminho do seu Filho Jesus Cristo, o «caminho» que leva à casa do Pai.

A vós, aos vossos sacerdotes, religiosos, religiosas, diáconos e a todos os fiéis desta amada terra da Roménia concedo de coração a minha Bênção.